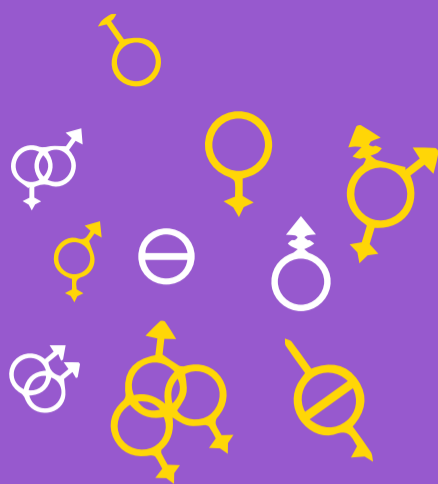


COLEÇÃO
EXPLICANDO
GÊNERO



QUAL É A DIFERENÇA?

SEXO, GÊNERO, EXPRESSÃO
DE GÊNERO E SEXUALIDADE

Renata Porcellis

Kai Krause


Ano 2024

QUAL É A DIFERENÇA?

**SEXO, GÊNERO, EXPRESSÃO DE
GÊNERO E SEXUALIDADE**

Renata Porcellis
Kai Krause

Consultora:
Marielle Mendes Sacharuk

2024 by Atena Editora

Editora chefe	Copyright © Atena Editora
Prof ^a Dr ^a Antonella Carvalho de Oliveira	Copyright do texto © 2024 As autoras
Editora executiva	Copyright da edição © 2024 Atena Editora
Natalia Oliveira	
Assistente editorial	Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelas autoras.
Flávia Roberta Barão	
Bibliotecária	Open access publication by Atena Editora
Janaina Ramos	



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo do texto e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva das autoras, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos as autoras, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Multidisciplinar

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof^a Dr^a Aline Alves Ribeiro – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof^a Dr^a Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Prof^a Dr^a Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso

Prof. Dr. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná

Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Eufemia Figueroa Corrales – Universidad de Oriente: Santiago de Cuba
Profª Drª Fernanda Pereira Martins – Instituto Federal do Amapá
Profª Drª Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Joachin de Melo Azevedo Sobrinho Neto – Universidade de Pernambuco
Prof. Dr. João Paulo Roberti Junior – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Jodeylson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Profª Drª Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Lisbeth Infante Ruiz – Universidad de Holguín
Profª Drª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Profª Drª Mônica Aparecida Bortolotti – Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro Oeste
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanesa Bárbara Fernández Bereau – Universidad de Cienfuegos
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ficha Técnica

Título Original

Qual a Diferença? Sexo, gênero, expressão de gênero e sexualidade

Autoras

Renata Porcellis
Kai Krause

Consultora

Marielle Mendes Sacharuk

Revisão

Rafael Barbosa Porcellis da Silva

Projeto Gráfico e Capa

Bruno Cruz Candido

Ilustração

Gabriela Barcellos da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P833 Porcellis, Renata
Qual a diferença? Sexo, gênero, expressão de gênero e sexualidade / Renata Porcellis, Kai Krause; Consultora Marielle Mendes Sacharuk. - Ponta Grossa - PR: Atena, 2024.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-2768-1

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.681242207>

1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. 3. LGBTQI+.
4. Orientação sexual. I. Porcellis, Renata. II. Krause, Kai.
III. Sacharuk, Marielle Mendes (Consultora). IV. Título.

CDD 306.766

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos - CRB-8/9166

DECLARAÇÃO DAS AUTORAS

As autoras desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

O projeto “Visibilidade às diferenças na escola” desenvolvido pelo Fora da Caixa - Grupo de pesquisa em educação, gêneros e sexualidades do IFSul - Campus Pelotas, buscou abordar temáticas sobre gêneros, sexualidades, violências, estereótipos, questões étnico-raciais, gordofobia e vivências queer, que fogem das normas heterossexuais, brancas e masculinas.

Utilizando uma linguagem jovem e atual, voltada ao público adolescente na faixa etária entre 14 e 18 anos, tentamos desenvolver um texto atrativo para que a juventude consiga, de fato, apropriar-se dos conhecimentos compartilhados pelos dez livros produzidos, buscando a construção de relações mais empáticas, pautadas no reconhecimento das diferenças entre colegas, professores e gestores no ambiente escolar.

Na escolha das referências para a construção dos textos buscamos utilizar materiais produzidos em diferentes perspectivas visando a descolonização do conhecimento bem como o reconhecimento das vivências e experiências dos grupos oprimidos. Utilizamos, então, textos de teóricas mulheres, negras, gordas, latino-americanas e africanas, junto com referenciais europeus, brancos e masculinos.

O conteúdo dos livros é resultado de um projeto de pesquisa apoiado pela Pró-reitoria de Pesquisa, Inovação e Pós-graduação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense - IFSul, através do EDITAL PROPESP-BOLSA/ IFSul - Nº 06/2018.

CO
LE
ÇÃO

EXPLICANDO
GÊNERO

**CO
LE
ÇÃO**

**EXPLICANDO
GÊNERO**

**QUAL É A
DIFERENÇA?**

**SEXO, GÊNERO, EXPRESSÃO
DE GÊNERO E SEXUALIDADE**

**NO FINAL É
TUDO DRAG:**

ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO

**VOCÊ VAI SE ARREPENDER DE LEVANTAR A MÃO
PRA MIM!**

VIOLÊNCIAS DE GÊNERO

**NÃO É SÓ SOBRE
PINTOS E XOXOTAS**

TRANSGENERIDADES

**NÃO TEM CABIMENTO
ESSA TAL**

GORDOFOBIA

**ONDE VOCÊ
ESCONDE SEU**

RACISMO?

HOMO. SEXY. UAU!

TUDO SOBRE SER GAY!

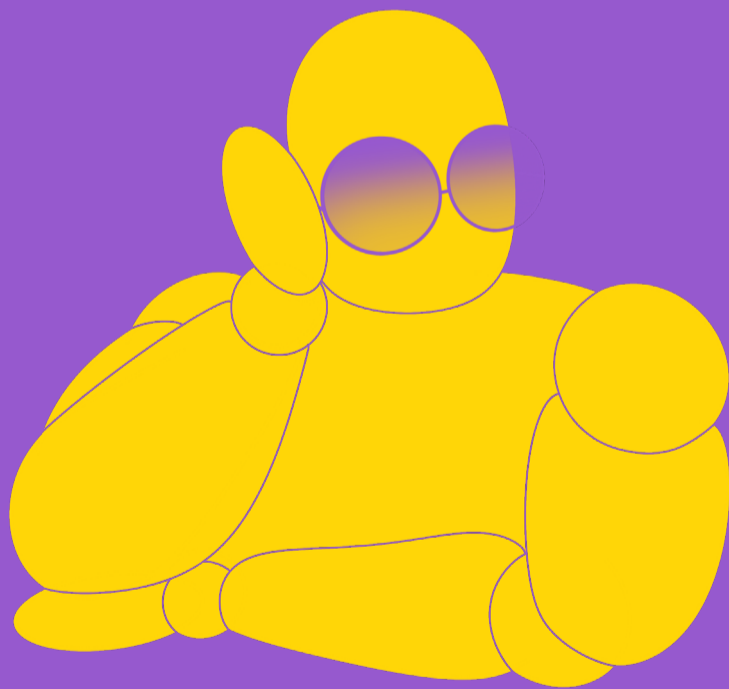
BEM-VINDA AO BREJO!

UTILIDADES SAPATÔNICAS

CUIDADO, ESTE LIVRO É FRÁGIL!

MANUAL DA HETERONORMATIVIDADE

**VULVA, MUITO
PRAZER!**



1. PRA COMEÇO DE CONVERSA

Tá perdida? Então aqui é o seu lugar! Pequena introdução ao assunto deste eBook.

2. TODA TRABALHADA NA INFORMAÇÃO

Sexo, gênero, expressão de gênero e sexualidade: tudo o que você precisa saber.

3. NÃO ENTENDEU? A GENTE DESENHA

Pequenos esquemas sobre o tema pra não ficar com dúvida.

4. CAÔ X FATO

Porque nem tudo que tá na internet é verdade

5. BABADO FORTE

É drag ou é biscoito? É trans ou é bolacha?

6. PRA NÃO DAR CLOSE ERRADO

Tá tentando não passar vergonha? Nossa humilde contribuição.

7. PRA COLAR NA PROVA

Pra quando surgir o papo, você não precisar fingir desmaio.

8. PRA STALKEAR GERAL

Pra stalkear geral: Achou pouco? Tá querendo mais? Ficam aí dicas de pesquisa

9. NÃO PEGOU A REFERÊNCIA?

Coisas que a gente leu pra fazer esse material pra você.

QUAL É A DIFERENÇA?

SEXO, GÊNERO, EXPRESSÃO DE GÊNERO E SEXUALIDADE

1

**PRA COMEÇO
DE CONVERSA**

Tá perdida? Então aqui é o seu lugar! Pequena introdução ao assunto deste eBook.

VOCÊ SABIA QUE EXISTEM DIFERENÇAS ENTRE SEXO BIOLÓGICO, GÊNERO, SEXUALIDADE E EXPRESSÃO DE GÊNERO?

No dia a dia nós convivemos com esses quatro termos de uma forma bem naturalizada, sem pensar muito sobre eles. Mas, mesmo passando despercebidos, eles estão à nossa volta o tempo todo, como, por exemplo, nas seções feminina e masculina das lojas de roupa e nos banheiros separados por sexo.

Mesmo estando no nosso cotidiano, é muito fácil confundir esses conceitos, pois, por mais que se refiram a coisas diferentes, eles foram estruturados para seguir uma “norma padrão”, na qual um depende do outro. Essa “norma padrão” nos é ensinada desde pequenos, pelas nossas famílias, pela escola e mídias em geral, seja falando diretamente ou, simplesmente, não falando sobre isso.

Mas afinal, as coisas realmente seguem a norma? A expressão de gênero depende do sexo biológico? Sexualidade e gênero são a mesma coisa? O que são esses conceitos e, principalmente, qual é a diferença entre eles?

Neste livro, vamos falar direitinho sobre cada um deles e sobre como as coisas não são sempre como a gente imagina.



Bora lá?!

QUAL É A DIFERENÇA?

SEXO, GÊNERO, EXPRESSÃO DE GÊNERO E SEXUALIDADE

2

**TODA TRABALHADA
NA INFORMAÇÃO**

Sexo, gênero, expressão de gênero e sexualidade: tudo o que você precisa saber.

Muita gente acha que sexo, gênero e sexualidade são coisas conectadas. O sexo biológico define o gênero, em função da genitália; a sexualidade é definida pelo gênero também, porque, segundo a “norma”, a sexualidade é orientada pro gênero oposto ao nosso. Quando a gente diz que vivemos em uma sociedade cis-heteronormativa, é sobre isso que a gente tá falando.

Tem uma galera que acha que essa norma é algo natural, que é assim porque a maioria das pessoas nasce assim. Mas isso não é verdade. Gênero e sexualidade são coisas socialmente construídas, ninguém nasce generificado. Até o sexo biológico, que é realmente algo natural, não é simplesmente uma divisão binária entre machos e fêmeas. Tudo são construções e, por mais que grande parte das pessoas as tenham naturalizado, isso não significa que todo mundo tem que ser assim.

Mas vamos com calma, tem muita coisa nesse rolê pra gente entender.

AFINAL, O QUE É SEXO?

Se a gente perguntar pra biologia, a resposta vai ser que o sexo surgiu há 1,2 bilhões de anos como uma coisa avessa à reprodução. Estranho né? Mas é isso mesmo! O sexo era o contrário da reprodução da época. Enquanto forma de reprodução, sexo é basicamente dois organismos juntando DNA. A maneira como isso acontece, todo mundo tá careca de saber, então a gente não precisa entrar em detalhes.

Quando a gente fala de sexo, estamos nos referindo às diferenças biológicas e morfológicas entre seres humanos. Essas diferenças começam a aparecer depois que a junção de DNA deu certo. Dentre os vários cromossomos que a gente recebe dos nossos genitores, estão o X e o Y. São eles que, no começo de tudo, vão definir o nosso sexo biológico.

De uma maneira geral, quando temos um par XX, o corpo

vai se desenvolver como fêmea: vulva, ovários, progesterona, trompas, etc; já quando temos um par XY, o corpo se desenvolve como macho: pênis, próstata, testosterona, testículos, etc. É esse conjunto de hormônios, cromossomos e genitálias, que chamamos de sexo biológico. Mas, porém, contudo, entretanto e todavia, as coisas não são simplesmente preto ou branco. Mesmo que na escola só nos ensinem essas duas possibilidades, existem várias outras combinações possíveis e vários outros corpos que não são, simplesmente, macho ou fêmea. A cada 4500 recém-nascidos, um bebê não se encaixa nessas definições binárias.

Pode parecer confuso, a gente sabe, mas segue firme que tudo vai fazer sentido quando você conhecer as pessoas intersexo.



A CIÊNCIA DE CONTRADIZER A CIÊNCIA

Se você nunca ouviu falar de pessoas intersexo, a gente te ajuda: qualquer pessoa que não se encaixe no que a ciência diz que é “normal” pro sexo biológico humano, é uma pessoa intersexo. Se te pareceu uma condição extremamente rara e

difícil de acontecer, você está muito equivocada: a ONU estima que 1,7% da população mundial é intersexo. Pra você ter uma noção, esse é o mesmo número de pessoas ruivas no planeta. Ou ainda, esse número é sete vezes maior do que o de pessoas albinas. Isso mesmo, é mais fácil você conhecer alguém intersexo sem saber, do que conhecer uma pessoa com albinismo.

Intersexualidades são variações do desenvolvimento sexual que resultam em corpos que não podem ser encaixados na norma binária. Essas variações podem ser cromossômicas, fenotípicas, genitais e hormonais e são conhecidos, até o momento, mais de 40 tipos de corpos intersexo. Pessoas com ordem cromossômica XY que nascem com genital feminino; com ordem cromossômica XX que nascem com genital masculino; pessoas com genitais ambíguos; pessoas com ordens cromossômicas

diferentes, como XXY, XO, XXX, XXXY, XYY e várias outras, são só alguns exemplos possíveis de corpos intersexo.

Quando o bebê nasce com uma genitália ambígua (o que não é o caso mais frequente entre pessoas intersexo) a condição intersexo será detectada logo de cara, mas nem sempre funciona assim. Existem pessoas que só vão descobrir que são intersexo na puberdade, quando não menstruam, por exemplo. Ou na fase adulta, quando descobrem que são inférteis, mesmo que isso não seja uma regra para todas as pessoas intersexo. É possível, inclusive, viver uma vida inteira sem descobrir ser intersexo.

Ser intersexo não traz nenhum risco de vida na maioria dos casos, não é uma doença ou uma falha. Mas, mesmo sem apresentar risco nenhum, muitos médicos optam por uma cirurgia de adequação sexual precoce. Em outras palavras: mutilam crianças intersexo por motivos estéticos ou para “adequa-las” à uma vivência de gênero forçada. O mais comum de acontecer nessas cirurgias, é os médicos construírem uma vulva na criança, por ser mais fácil do que construir um pênis. Além da violência física e psicológica, muitas dessas crianças podem ter problemas de identidade durante o seu crescimento em função dessas cirurgias.

O sexo biológico é, afinal, muito mais complexo na vida real do que nos livros de biologia!

Não chame pessoas intersexo de “hermafroditas”. A palavra “hermafrodita” faz referência a espécies de seres vivos que possuem ambos os sistemas reprodutores, masculino e feminino. Chamar uma pessoa intersexo de hermafrodita é ofensivo e reducionista por trazer ideia de “menos humano”.



NASCI. E AGORA?

O nosso mundo é um lugar bem complexo, a gente precisa admitir. Nascer é, basicamente, cair de paraquedas em um turbilhão de informações: vida social, ciência, história, política e um monte de coisa que faz a gente ser um ser humano. No meio disso tudo, tem uma coisa que não sai do debate público, nem da internet e nem da nossa cabeça: gênero e identidade de gênero.

Tem quem acha que gênero é uma coisa natural e ponto: ou foi Deus ou foi a biologia, mas alguém decidiu que é assim. Tem gente que acha que gênero é uma questão de identidade, que o importante mesmo é respeitar a maneira como cada um se identifica e cada vez mais surgem maneiras das mais variadas de se identificar com gênero. Essas duas ideias são emocionadas demais: para definir gênero, a gente precisa ir com um pouco mais de calma.

Gênero é uma categoria social, cultural, histórica e política que faz parte da nossa construção enquanto seres humanos. E reparem bem nessa palavra: construção. Ela é super importante porque muita gente acha que gênero é predefinido, que nascemos com ele pronto, enquanto, na verdade, ele é construído em nós na medida em que nos relacionamos com outros seres humanos **generificados**.

Pra conseguir entender o conceito de gênero a gente precisa entender como ele surgiu, porque, não, gênero não existiu em todos os momentos da história. Antigamente só se pensava em sexo biológico, quem tinha ou não tinha um falo, quem gestava e quem não gestava. É no começo da era moderna, lá pelo séc. 17, que a medicina e a psicologia começaram a documentar as “diferenças entre os sexos”, uma paranóia louca de que homens são biologicamente mais inteligentes enquanto mulheres são naturalmente mais comunicativas, que homens são seres completos e mulheres são uma versão “incompleta” dos homens.

Gênero só vai adquirir o caráter que tem hoje quando as feministas americanas começam a rejeitar os determinismos e diferenças sexuais e passam a acentuar, através

da linguagem e da introdução do termo “gênero”, o caráter fundamentalmente social desse conceito. Ele passa, então, a ser usado como ferramenta de análise das relações sociais e papéis estabelecidos entre homens e mulheres, mas também como ferramenta política para as lutas dos movimentos de mulheres por igualdade de gênero.

Conforme elas foram percebendo que gênero tem história e não existe antes de ser construído por pessoas – ou seja, não é algo simplesmente natural – os estudos de gênero começaram a construir o conceito que temos hoje, que envolve a cultura, a sexualidade, as relações de trabalho, os estereótipos de gênero e a construção de identidades. É importante dizer que gênero não é, simplesmente, apenas uma coisa, mas sim, um conjunto de várias coisas diferentes misturadas, que não só constroem identidades, mas também organizam a nossa vida social. Mas organizam como?

Podemos pensar, por exemplo, em como o gênero estrutura as nossas relações de trabalho. Você se lembra das aulas no pré e no fundamental? Certamente a maioria das suas professoras eram mulheres! Então iniciou o ensino médio e os professores homens começaram a aparecer mais, certo? Pois é, quando você entrar na faculdade, provavelmente vai perceber que a maioria dos professores são homens. Já tinha parado pra pensar nisso?

Lá atrás, quando as mulheres brancas de classe média estavam começando a entrar no mercado de trabalho, a profissão do magistério, que era associada ao cuidado das crianças e ao “desejo de ser mãe” (vulgo maternidade compulsória) começou a ser tomada pelo gênero feminino ao mesmo tempo em que foi ficando desvalorizada. Até hoje as professoras do ensino fundamental ganham muito menos do que os professores universitários, profissão muito mais ligada ao trabalho “nobre” e intelectual.

**NÃO PODEMOS
ESQUECER
QUE GÊNERO,
RAÇA E CLASSE
SE ENTRE-
CRUZAM**

E não é só na educação que isso acontece. As relações de gênero definem as nossas dinâmicas de trabalho desde

o que vai se fazer até o quanto a gente vai receber pelo trabalho que a gente faz. E a gente não pode esquecer que não é só o trabalho formal que é **generificado**, mas também o trabalho reprodutivo. Ter filhos, criar filhos e cuidar da casa, tudo isso é trabalho reprodutivo que faz parte do “papel da mulher”. Ele só consegue ser um tipo de trabalho não remunerado, porque a gente não o entende como trabalho e sim, como obrigação para com a família.

A família **monogâmica** é um dos principais dispositivos pra construção do gênero e das relações de gênero. Pensa só: dentro da ideia da família tradicional, os papéis de gênero estão muito bem estabelecidos, entre maridos e esposas, pais e filhos, irmãos e irmãs, passando por todas as idades e acompanhando as mudanças que o gênero exige. É dentro da família que acontecem os nossos primeiros contatos com gênero, onde começamos a aprender a como nos comportarmos como homens e mulheres e, também, onde sofremos as violências e as repressões que nos mantém presos dentro da lógica dominante.

DEU PRA
ENTENDER
QUE GÊNERO
NÃO É UMA
CATEGORIA
FIXA,
NATURAL?

Isso não significa que ele não seja atravessado por padrões e normas. Existe uma lógica hegemônica de como gênero deve ser: como já dissemos, o seu sexo biológico dita qual vai ser o seu gênero. A gente chama isso de imposição de gênero, afinal, não tem como os bebês concordarem ou discordarem disso. Só depois que a gente cresce é que a gente vai descobrir se esse gênero imposto funciona ou não pra nós, se nos identificamos ou não com ele.

As pessoas que se identificam com o gênero imposto são chamadas de cisgêneras, ou seja, mulheres e homens que estão de acordo com o gênero que receberam baseado na genitália. Mas não é todo mundo que é assim! Tem gente que, depois que cresce, descobre que essa imposição não tem nada a ver com a maneira que elas se identificam. As pessoas que não se identificam com o gênero imposto são chamadas de transgênero: elas podem ser pessoas trans binárias (homens e mulheres que, por não se identificarem com a imposição que receberam, se identificam com o

gênero oposto e fazem uma transição de acordo com as suas necessidades) ou trans não-binárias (pessoas que não se identificam nem como homem nem como mulher, tal qual a gente entende essas categorias, mas sim com algo diferente).

São muitas as possibilidades de ser uma pessoa não-binária e isso não precisa, necessariamente, de qualquer outro rótulo além de “não-binário”. Mas, como os rótulos são ferramentas importantes de auto-afirmação, auto-conhecimento e luta política, você pode se identificar com alguns desses exemplos: bigênero é quem se identifica com dois gêneros ao mesmo tempo, podendo ser com o gênero homem e o gênero mulher (como alguns indígenas americanos, os two spirit) ou com apenas um dos gêneros binários e algum outro; as pessoas gênero-fluido experimentam mudanças de gênero que podem acontecer de várias formas, de um dia para o outro, de uma semana para a outra, em um mesmo dia ou, até mesmo, dependendo da companhia que essa pessoa se encontra; pessoas que se identificam parcialmente com um gênero, seja ele binário ou não, são pessoas demigênero; e quem não se identifica com nenhum gênero é agênero. Mas relaxa aí, ser agênero não significa ter que usar cinza o tempo inteiro pra parecer “neutro”.

Existem também algumas identidades de gênero que são culturais e locais, só existem dentro da cultura de um determinado lugar no mundo. Aqui no Brasil, assim como na América Latina como um todo, por exemplo, a gente pode pensar nas travestis: pessoas que se identificam com o gênero travesti, que é um gênero feminino. Não são nem homens, nem mulheres, são travestis.

Há várias outras maneiras de se identificar dentro da não-binariedade e é importante não impor para uma pessoa não-binária que ela se reconheça dentro de alguma delas! Entender a sua vivência de gênero pode ser um processo complicado e não tem um passo-a-passo, então tente ter empatia e respeite o coleguinha!

Pessoas trans precisam ser chamadas pelos pronomes que elas escolheram! No caso de pessoas trans binárias

é fácil: homens são eles e mulheres são elas. Mas e com pessoas não-binárias? Aí a coisa é diferente, pessoas trans não-binárias podem se sentir confortáveis com o masculino, com o feminino, com algum pronome neutro e podem até ser indiferentes quanto ao pronome. Na dúvida, pergunte de maneira educada, como a pessoa prefere ser chamada e respeite sempre o nome social dela! Não tem como errar!

AMOR É AMOR

E UM LANCE É UM LANCE

Do mesmo jeito que existe gênero imposto, baseado na genitália, existe também uma sexualidade que é imposta como natural, baseada no pressuposto de que o “normal” é a gente sentir tesão no gênero oposto ao nosso. A gente chama isso de heterossexismo. Essa pressuposição é reforçada através das mídias, dos materiais escolares, da cultura popular, quando, por exemplo, só vemos representações de casais heterossexuais. A imposição social da heterossexualidade enquanto norma tem nome: heterossexualidade compulsória.

Mas afinal, o que raios é a tal da sexualidade? A sexualidade, em seu sentido mais amplo, é o modo como nós nos comportamos socialmente em relação a outras pessoas, orientando com quem vamos (ou não) nos relacionar de maneira sexual. Não é nenhum mistério que existam pessoas que não se identificam com a sexualidade hegemônica, não é mesmo? Mas e aí, quais são as outras maneiras de viver a sexualidade que existem?

Em primeiro lugar, precisamos fazer uma diferenciação: existem pessoas que sentem desejo e atração sexual enquanto outras pessoas não sentem, sentem pouca ou sentem só de vez em quando. Não sentir atração sexual não é uma doença, nem um transtorno, nem um distúrbio, nem é fruto de algum trauma: é assexualidade. A assexualidade

é uma vivência válida e diversa. Existem várias categorias fora das pessoas que sentem atração sexual sempre.

Os assexuais estritos são pessoas que nunca sentem atração sexual, o que não significa que elas não possam se masturbar ou manter relações amorosas com outras pessoas. Tem também a chamada área cinza: pessoas que estão entre os assexuais estritos e os alossexuais. Elas podem ser, por exemplo, demissexuais e só sentirem tesão depois de criar um vínculo emocional, ou grey-assexuais e só sentirem um tesãozinho, bem fraquinho, lá de vez em quando, ou, ainda, assexuais fluídas e variar dentro da Área Cinza.



Ser assexual não significa, necessariamente, não fazer sexo. Não fazer sexo é celibato: uma escolha, geralmente religiosa, de se abster da atividade sexual. Assexualidade, enquanto uma sexualidade, pode variar com relação a fazer ou não fazer sexo. Existem pessoas assexuais que não

transam (sexo negativo ou repulsivo), pessoas que têm vida sexual ativa, mesmo sem sentir desejo (sexo positivo ou favorável) e também tem gente que vê as práticas sexuais de maneira indiferente (sexo neutro ou apático). Assexuais também podem se masturbar, não tem nenhuma lei que proíba eles de fazer isso. A questão é que algumas pessoas assexuais sentem vontade de se masturbar e outras não sentem, e não tem problema nenhum. Só não vai sair por aí perguntando pra pessoas assexuais se elas se masturbam ou não! Isso não é da sua conta, não vai passar vergonha.

Sexo não é tudo nessa vida, existem várias relações que são muito boas e positivas que não envolvem sexo! Amizades, parcerias, amor entre familiares, todas essas relações não têm sexo no meio e isso não faz com que elas não sejam verdadeiras ou não tenham amor. Com as relações românticas não é diferente! Pode parecer estranho em um primeiro momento, principalmente se você só caiu de paraquedas no rolê assexual, mas existem pessoas que, mesmo que não sintam desejo sexual, constroem relações românticas, namoram e amam, sem sexo envolvido! A sua sexualidade é só uma parte de você e existe uma outra orientação que é muito importante: a orientação romântica. Ela diz respeito a quem você se apaixona, por quem você vai mudar o som da notificação ou quem vai fazer você apagar a conta no Tinder.

Uma pessoa pode ser heterorromântica e sentir atração romântica por um gênero diferente do seu; homorromântica, quando a atração é pro mesmo gênero; birromântica, panromântica pra mais de um gênero ou; arromântica, quando a pessoa não sente atração romântica por ninguém. As orientações românticas são muito importantes pras pessoas assexuais, o que não significa que assexuais não tenham orientação romântica. Uma pessoa pode ter a mesma sexualidade e orientação romântica (heterossexual e heterorromântico) mas isso não é uma regra! Uma pessoa pode ser assexual e homorromântica, ou homossexual e birromântica, ou heterossexual e arromântica. Uma coisa é uma coisa e a outra coisa é outra coisa.

Pessoas assexuais sofrem um tipo específico de opressão: a acefobia. Chamar pessoas assexuais de “frias” ou

“frígidas”, por exemplo, ou dizer que são pessoas doentes ou muito caretas e puritanas. Tudo isso é acefobia, tentativas de invalidar a assexualidade como uma vivência real. Dizer pra uma pessoa assexual que ela só é assim porque “ainda não achou a pessoa certa” ou que “assim que você fizer sexo você vai começar a gostar”, além de ser extremamente desnecessário, contribui para um problema muito sério: estupro corretivo. Pessoas assexuais são estupradas pra “aprenderem a gostar de sexo” por pessoas que acham que podem “consertar esse problema”. É sempre bom lembrar: estupro não é sexo! É um crime! Pessoas assexuais não estão quebradas e não precisam de conserto. A assexualidade é uma vivência real e válida! Assexuais não precisam de uma cura, precisam é de visibilidade e respeito.

Nos últimos anos a comunidade assexual cresceu. Isso não quer dizer que mais pessoas assexuais começaram a aparecer, elas já existiam antes. O que mudou é que essas pessoas começaram a se assumir assexuais e passaram a construir uma comunidade. Essa comunidade passou a usar vários símbolos para serem representados como, por exemplo, a bandeira assexual que foi escolhida por voto popular. O preto simboliza os assexuais estritos, o cinza pra área cinza, o branco pra alossexuais simpatizantes e o roxo pra comunidade assexual. Tem também o Bolo, que é uma forma de acolher novos membros da comunidade com humor, pela ideia de que assexuais preferem bolo do que sexo. Ainda tem o anel preto no dedo médio direito e os Áses do baralho, cada um significando um tipo de assexualidade: ás de espadas para os assexuais aromânticos, ás de copas para os assexuais românticos, ás de paus pra quem ainda questiona seu espectro e ás de ouro para demissesexuais e grayassexuais.

Já as pessoas que sentem desejo sexual, fazem parte do outro lado da moeda e merecem uma segunda diferenciação: tem quem sente atração por um gênero só (as monossexuais) e quem sente atração por mais de um gênero ao mesmo tempo (as multissexuais). Entre os monossexuais, existem pessoas que sentem atração por um gênero diferente do seu, os heterossexuais, e pessoas

que sentem desejo pelo mesmo gênero que o delas, os homossexuais (homem com homem é gay, mulher com mulher é lésbica).

Agora, as multissexuais são outra história, porque elas sentem atração por dois ou mais gêneros ao mesmo tempo. Dentre as várias maneiras de viver a multissexualidade, vamos falar sobre três: a bissexualidade, a pansexualidade e a polissexualidade. Existem diversas maneiras de definir essas três categorias, não tem um acordo de como você deve entender essas definições, as mais comuns são: bissexual é aquela pessoa que sente atração por mais de um gênero ou sente atração pelo seu gênero e outros; pansexuais são pessoas que sentem atração por todos os gêneros ou independente de gênero e; polissexuais se sentem atraídos por vários gêneros, mas não por todos e sim com algumas restrições.

A bissexualidade ainda é uma coisa que confunde muita gente e nós vamos colocar a culpa disso na invisibilidade que essa letra sofre dentro e fora da comunidade LGBTQIA+. Mas a gente não pode deixar de falar das pessoas bissexuais, ainda mais com tantos mitos e estereótipos espalhados por aí. Você já ouviu, por exemplo, que bissexuais são indecisos, promíscuos ou alguma besteira parecida? Pois é, infelizmente são várias, mas a gente tá aqui pra tentar desmentir elas.

O fato de uma pessoa gostar de mais de um gênero não significa que ela goste deles da mesma forma, como se fosse 50-50%. Essa intensidade não precisa ser exatamente dividida e, certamente, não é fixa. Uma pessoa bissexual pode se sentir mais atraída por mulheres em um momento da vida e, depois de um tempo, começar a sentir mais atração por homens. Isso também pode variar dependendo do contexto em que essa pessoa está, por exemplo, numa festa ou na praia, de férias.

Parece bem simples, certo? Pois é, pena que tem gente que complica e, no caso das bissexuais, tem gente dos dois lados. Independentemente de serem ou não da comunidade LGBTQIA+, as pessoas parecem não entender que uma pessoa bissexual pode ser **monogâmica**, se quiser.

Muita gente compartilha do delírio coletivo de que pessoas bissexuais são todas **não-monogâmicas** porque “não conseguem ficar sem alguma coisa”. Tem até gente que não se relaciona com bissexuais por medo de ser traída com alguém do gênero oposto (como se pessoas monossexuais não traíssem).

Pior ainda é quem sai por aí dizendo que bissexuais transmitem mais IST's do que o resto das pessoas porque estão sempre fazendo orgias. E a galera não tá nem sendo paga pra falar um absurdo desses. E, falando em absurdo, já era pra ter aposentado a ideia de que bissexuais têm mais opções do que monossexuais. Só porque uma pessoa gosta de mais de um gênero não significa que ela sai por aí beijando qualquer um.

A gente pode chamar tudo isso de bifobia: insultos, “piadas” e, principalmente, apagamento da identidade bissexual. Agora, olha só que curioso: quando um menino diz que é bissexual, todo mundo acha que ele é gay e não assume; quando uma menina diz que é bissexual, todo mundo acha que ela é “bi de balada” e na verdade é hetero. Perceberam? Além de apagar a bissexualidade, as pessoas chegam sempre na mesma conclusão: o desejo “real” dessas pessoas é por homens, lógico. **Falocêntrico?** Sim. Patriarcal? Com certeza. E meninos bi não podem nem pensar em ser afeminados, senão eles “perdem” o desejo por mulheres.

E não pensem que são só heterossexuais que apagam pessoas bi. Quando um homem bissexual está em um relacionamento com outro cara, o namorado dele tende a ver ele como um homem gay e não bissexual. O mesmo acontece com mulheres lésbicas em relacionamentos com mulheres bi. Tem que ter autoconfiança demais (ou noção de menos) pra achar que consegue terminar com uma parte da identidade da parceira, né?

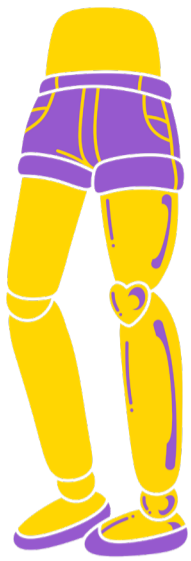
Agora imagina ser bissexual e tentar conviver com seus amigos héteros debochando da sua sexualidade e os amigos LGBTQIA+ desmerecendo a sua existência? São coisas assim que nos levam pra um dado muito preocupante: bissexuais reportam mais problemas mentais, como

ansiedade e depressão e apresentam taxas de suicídio maiores do que pessoas hetero e homossexuais. Pois é, e você aí achando que era “mais fácil” ser bissexual.

Mas, mesmo com tudo isso, as bi continuam existindo e resistindo. Além de poderem usar gírias tipo lacratop e ahazou mano, existem vários símbolos da bissexualidade, a maioria com tons de roxo, rosa e azul. Como a bandeira, que tem essas três faixas pra simbolizar as comunidades LGBTQIA+ e hétero, com os bissexuais misturados entre as duas. Ou os biângulos, que até hoje ninguém sabe de onde surgiram, mas seguem a mesma lógica. Tem também as luas bissexuais e os símbolos de vênus e marte, cada um cruzado com um vênus e um marte.

Se pessoas bissexuais já sofrem um apagamento enorme, tanto das LGBTQIA+ quanto da comunidade heterossexual, imagina as pessoas pan e polissexuais. Por serem sexualidades mais recentes e mais complexas (tem gente que nunca nem ouviu falar nelas) quem se identifica com elas sofre um apagamento maior ainda. É preciso seguir lutando e seguir falando sobre as pan e polissexualidades (além de todas as outras multissexualidades) para que essas pessoas ganhem seu espaço e sua voz.

É importante a gente lembrar de uma coisa: sexualidade não é fixa ou estagnada. Uma pessoa pode, sim, viver a mesma sexualidade por uma vida inteira, mas também é possível que a sua sexualidade mude. Pensa em um homem heterossexual, com seus 40 anos de idade, que começou a sentir atração e desejo por um outro cara. Dizer que ele era um homossexual “enrustido” ou que só agora ele está se permitindo “sair do armário” é basicamente jogar fora todas as outras relações que esse homem teve e desmerecer os seus 40 anos de vida sendo heterossexual. Pessoas homossexuais podem começar a sentir desejo pelo gênero oposto, assim como pessoas heterossexuais podem começar a sentir desejo por dois gêneros e pessoas multissexuais podem perder o interesse em algum gênero que passaram a vida inteira desejando. A nossa sexualidade pode ser fluida e pode mudar ao longo do tempo e isso não é nenhum problema!



A SUTIL DIFERENÇA ENTRE UM SHORT E UMA BERMUDA



Já a expressão de gênero é completamente diferente. Ela não tem (ou não deveria ter) nada a ver nem com gênero, nem com sexualidade e muito menos com sexo biológico. Expressão de gênero tem a ver com a aparência, aquilo que a gente vê no exterior de uma pessoa, associada com signos e expectativas sociais generificadas. Esmalte, calça de moletom, vestidos, bonés, brincos, tudo isso e várias outras coisas são objetos que carregam expressões generificadas que a gente pode usar ou não usar para expressar aquilo que queremos.

Isso tem que ser entendido dentro da cultura e da história: existem comportamentos que, em determinados lugares, são tidos como masculinos e, em outros, como femininos. O próprio esmalte na unha começou com os imperadores chineses e só os homens podiam usar!

A questão mais importante aqui é: a expressão de gênero não precisa ser determinada pelo gênero nem pela sexualidade. Homens heteros podem “desmunhecar” sem abrir mão da heterossexualidade, mulheres podem raspar o cabelo sem deixar de ser mulheres e pessoas não-binárias não precisam ser andróginas. Androginia, pra quem não sabe, é a mistura de expressões femininas e masculinas de uma forma ambivalente, de tal modo que, num primeiro momento, a gente fica confuso tentando entender se é um homem ou uma mulher porque, venhamos e convenhamos, ser homem e mulher tem tudo a ver com parecer homem e parecer mulher.

QUAL É A DIFERENÇA?

SEXO, GÊNERO, EXPRESSÃO DE GÊNERO E SEXUALIDADE

3

NÃO ENTENDEU? A
GENTE DESENHA

Pequenos esquemas sobre o tema pra não
ficar com dúvida.

SEXO

(o corpo que nasci)

GÊNERO

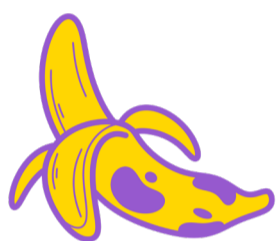
(categoria social de identidade)

SEXUALIDADE

(relação afetiva e sexual)

SEXO

(o corpo que nasci)



MACHO ♂

xy

pênis

testosterona



Biologia

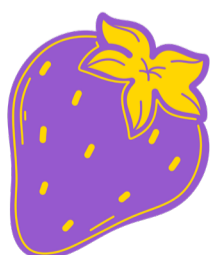
Genitálias

Cromossomos

INTERSEXO ♀♂

xxy xxx xo

genitália ambígua



FÊMEA ♀

xx

vulva

estrógeno



GÊNERO

(categoria social de identidade)

TRANS

(NÃO me identifico com o gênero imposto)

CIS

(me identifico com o gênero imposto)

Não Binário

Binário

Homem

Mulher

↳ bigênero

↳ agênero

↳ travesti

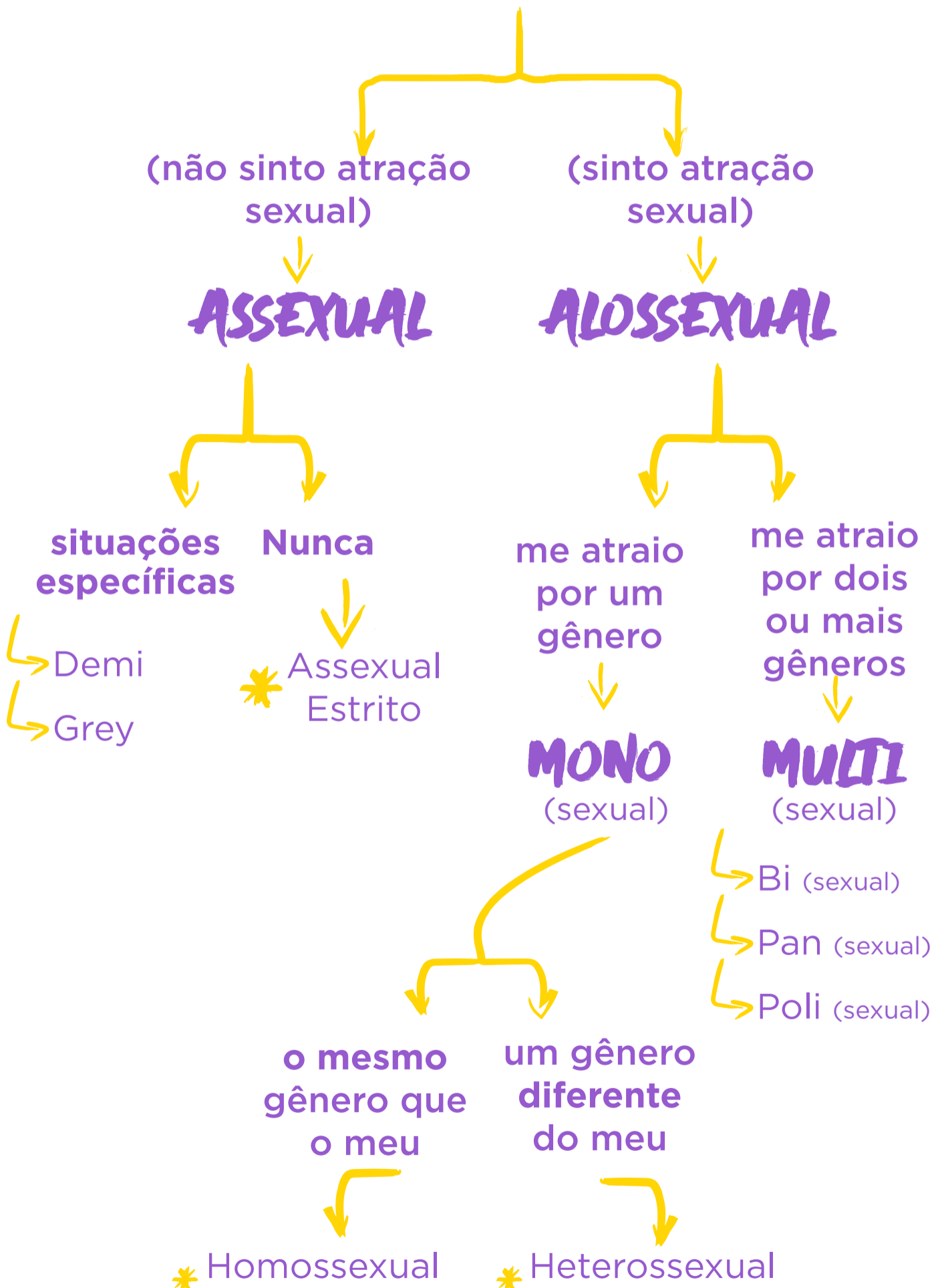
↳ fluido

Homem

Mulher

SEXUALIDADE

(relação afetiva e sexual)



QUAL É A DIFERENÇA?
SEXO, GÊNERO, EXPRESSÃO DE GÊNERO E SEXUALIDADE

4

CAÔ X FATO

Porque nem tudo que tá na internet é verdade

Combater fake news é uma tarefa muito difícil. Além de já existirem várias, é só a gente piscar que mais um monte delas aparecem. A gente não tem tempo pra fazer fact checking de todas elas mas algumas são tão absurdas que só precisamos de um pouco de bom senso, o que não nos custa muito.

Se você não sabe mais o que é verdade e o que é mentira, fica aí uma lista de mentirinhas azedas e respostas ácidas que a gente espera que te ajudem um pouco.

A VONTADE DE RIR É GRANDE X MAS A DE CHORAR É MAIOR

* Toda lésbica tem cabelo curto ou raspado do lado

Isso se dá ao fato de uma deficiência genética no cromossomo que controla o crescimento capilar de lésbicas.

→ *Apenas pare!*

* Todo gay é afeminado


Sim, inclusive eles já nascem com glitter, paetê e saem do útero fazendo carão.

→ *Oi?2024?*

* Pessoas bissexuais são meio hétero e meio homo


Não viaja, fofo. O “B” não é de bolachinha Trakinas pra ser meio a meio.

→ *Pensa um pouco, amiga!*

 Pessoas trans não podem ser bi, gay, lésbica


Tá entendendo?

Gênero e sexualidade são que nem arroz e uva-passa: uma coisa não tem nada a ver com a outra.

 Pessoas assexuais não podem se masturbar

Por enquanto o STF ainda não proibiu as pessoas assexuais de se masturbarem.

Né, Ministra?

 Toda lésbica tem gato(s)

O fato é que o governo distribuiu gatos de rua pra lésbicas. Você já viu um gato de rua?

Eles nem existem mais, né?

 Pessoas bissexuais são infiéis


É bissexualidade, não Teste de Fidelidade do João Kleber.

PARA! PARA! PARA!

 Todo gay é engraçado

HAHAHAHAHA

Claro, claro. Pra ganhar a carteirinha do vale você precisa passar por uma avaliação pela banca de jurados do Prêmio Multishow de Humor.

 Pessoas trans viram homem/mulher

Quem não queria ser a Mística, não é?

Só a Mística dos X-Men consegue “virar” outra pessoa.

 Pessoas assexuais são solitárias

Ué, e você por acaso transa com todo mundo que te faz companhia?

Nem sempre né?!

Esses estereótipos podem fazer parecer que essas fake news são, na verdade, reais, principalmente pra galera que não convive com pessoas LGBTQIA+. Ler um pouco sobre elas ajuda bastante a perceber que tudo isso é, na verdade, um monte de preconceito. Mas não adianta ficar só na leitura. Conhecer e começar a conviver com pessoas LGBTQIA+ é indispensável pra romper de vez com esses preconceitos. Se você ainda não conhece nenhuma sapatão e não tem coragem de ir em uma balada LGBT conversar com um viado, você pode começar lendo os outros livros dessa coleção, até criar a coragem pra ampliar seu círculo social.



QUAL É A DIFERENÇA?

SEXO, GÊNERO, EXPRESSÃO DE GÊNERO E SEXUALIDADE

5

BABADO

FORTE

É drag ou é biscoito? É trans ou é bolacha?

TRANSGÊNERO, TRAVESTI, DRAG QUEEN/KING, CROSSDRESSER: QUAL A DIFERENÇA?

TRANSGÊNERO

É um termo abrangente para pessoas que se identificam, ao menos parcialmente, com um gênero diferente ao que lhe foi imposto ao nascer, podendo ser binário ou não-binário. Independe de características físicas e sexualidade.

TRAVESTI

É um gênero feminino da cultura latino-americana. As travestis são pessoas transgênero, assim como as mulheres trans, mas não são nem homens nem mulheres: são travestis.

DRAG QUEEN/KING

Não é um gênero. São artistas performáticos que se montam, caricaturizando características femininas/masculinas com o intuito, geralmente profissional, artístico.

CROSSDRESSER

Não é um gênero. São pessoas que vestem roupa ou usam objetos associados ao gênero oposto (binário), por qualquer uma de muitas razões.



QUAL É A DIFERENÇA?
SEXO, GÊNERO, EXPRESSÃO DE GÊNERO E SEXUALIDADE



QUAL É A DIFERENÇA?
SEXO, GÊNERO, EXPRESSÃO DE GÊNERO E SEXUALIDADE

6

**PRA NÃO DAR
CLOSE ERRADO**

Tá tentando não passar vergonha? Nossa
humilde contribuição

Quem nunca pagou um preço alto por ter ouvidos? Pras pessoas LGBTQIA+ (e pras minorias em geral) essa conta chega quase todo mês. É cada absurdo que a gente escuta, que ficamos sem saber se são piadas de mau gosto, karma cósmico ou só chinelagem mesmo.

Pessoas que fazem comentários difíceis de engolir podem ser várias coisas: otárias, preconceituosas, mau-caráter ou, simplesmente, desinformadas. Se você faz parte do último grupo, que bom! A gente vai poder te ajudar um pouco. Dá uma olhada em algumas coisinhas que ninguém mais aguenta escutar e você não precisa repetir:

LÉSBICAS NÃO AGUENTAM MAIS OUVIR

Mas quem é o homem da relação?

Se é pra ficar com mulher masculina, por que não fica com homem logo de uma vez?

Como vocês transam de verdade?

Você é lésbica porque ainda não transou com um homem de verdade.

Se vocês quiserem me chamar da próxima vez...

GAYS NÃO AGUENTAM MAIS OUVIR

Você é tão bonito... que desperdício.

Eu tenho um amigo que também é gay pra te apresentar!

Eu não sou preconceituoso, tenho vários amigos gays.

Até pode ser gay, mas não precisa ser afeminado.

BISSEXUAIS NÃO AGUENTAM MAIS OUVIR

Ser bi agora é modinha.

Ela é indecisa!..Não sabe se fica com homem ou com mulher.

É só uma fase, logo você se descobre.

Você não quer fazer um ménage comigo e com a minha namorada?

Se vocês quiserem me chamar da próxima vez...

PESSOAS TRANS NÃO AGUENTAM MAIS OUVIR

Nossa, você nem parece trans!

Você tem pinto/xoxota?

Como você sabe que é mulher/homem?

Qual é seu nome de verdade?...

Você parece homem/mulher mesmo!

ASSEXUAIS NÃO AGUENTAM MAIS OUVIR

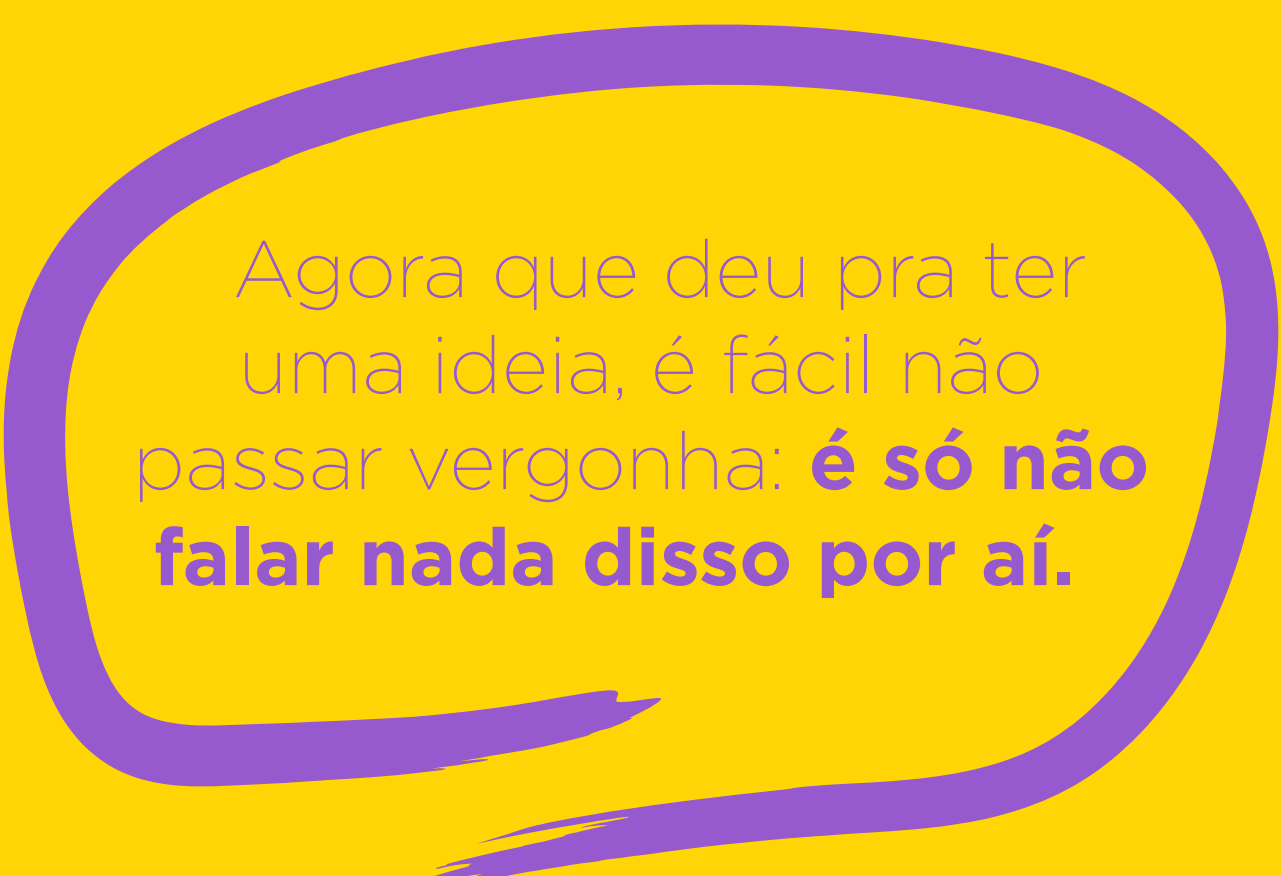
Mas você nunca experimentou transar?

Como você aguenta ficar sem sexo?

Você ainda não encontrou a pessoa certa.

O que você e seu namorado fazem se vocês não transam?

Mas você se masturba?



Agora que deu pra ter
uma ideia, é fácil não
passar vergonha: **é só não
falar nada disso por aí.**

QUAL É A DIFERENÇA?

SEXO, GÊNERO, EXPRESSÃO DE GÊNERO E SEXUALIDADE

7

PRA COLAR NA
PROVA

Pra quando surgir o papo, você não precisar fingir desmaio.

- * **Cisheteronormatividade:** a ideia de que existe apenas um jeito de vivenciar gênero e sexualidade: cisgênero e heterossexual.
- * **Generificado:** tudo aquilo que possui gênero (roupas, objetos, trejeitos...).
- * **Fenotípico:** manifestação visível e detectável de um genótipo.
- * **Maternidade compulsória:** a ideia de que todas as mulheres possuem um desejo natural de serem mães.
- * **Alissexual:** pessoas que sentem desejo e atração sexual
- * **Monogâmica:** pessoa que se relaciona com apenas uma pessoa de cada vez, em relacionamentos fechados.
- * **Não-monogâmica:** pessoas que se relacionam de formas diferentes da monogamia, podendo ser relacionamentos abertos, poliamor, comunidades afetivas, etc.
- * **Falocêntrico:** a ideia de superioridade masculina, na qual o falo tem valor simbólico fundamental.



QUAL É A DIFERENÇA?

SEXO, GÊNERO, EXPRESSÃO DE GÊNERO E SEXUALIDADE

8

**PRA STALKEAR
GERAL**

Achou pouco? Tá querendo mais? Ficam aí dicas de pesquisa

FILMES



XXY

2008

Direção: Lucia Puenzo

Sinopse: Alex nasceu com ambas as características sexuais. Tentando fugir dos médicos que desejam “corrigir” a ambigüidade genital da criança, seus pais a levam para um vilarejo no Uruguai.



Priscilla, a Rainha do Deserto

1994

Direção: Stephan Elliott

Sinopse: As drag queens Anthony e Adam, junto com a transexual Bernadette são contratadas para realizar um show em Alice Springs, uma cidade remota localizada no deserto australiano. Eles partem de Sydney a bordo de Priscilla, um ônibus antigo.



Alice Júnior

2019

Direção: Gil Baroni

Sinopse: Alice é uma adolescente trans cheia de carisma que investe seu tempo fazendo vídeos para o Youtube. Um dia, seu pai Jean é transferido pela sua empresa no Recife para Araucárias do Sul, e eles precisam se mudar.



The boys in the band

2020

Direção: Joe Mantello

Sinopse: Em um apartamento no Upper East Side, Michael dá uma festa de aniversário para seu amigo, Harold. Quando o aniversariante atrasado finalmente dá as caras, seu humor sarcástico cria grandes problemas para os presentes, precisando, cada um, confrontar algumas verdades enterradas.



SÉRIES

Nasce uma rainha

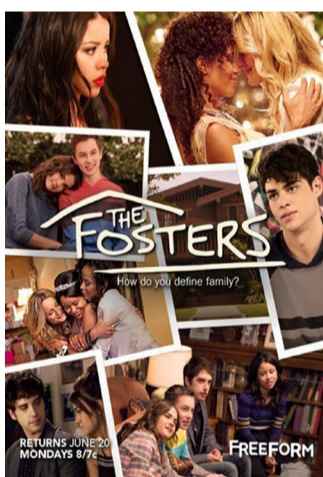


2020

Direção: Gustavo Mello, Mari Nunes

Sinopse: Nasce Uma Rainha é um reality show em que Gloria Groove e Alexia Twister ajudam jovens a montar sua drag queen ou seu drag king.

The Fosters



2013

Direção: Peter Paige, Bradley Bredeweg

Sinopse: The Fosters mostra uma família composta por duas mães, que criam filhos adotivos junto com um filho biológico. O casal adota mais uma garota, o que causa muitos problemas para essa família.

VÍDEOS



Muro Pequeno

https://www.youtube.com/watch?v=K8ad1QzS_d4



Canal das Bee

<https://www.youtube.com/user/CanalDasBee>



DRelacionamentos

<https://www.youtube.com/@DROficial>

QUAL É A DIFERENÇA?

SEXO, GÊNERO, EXPRESSÃO DE GÊNERO E SEXUALIDADE

9

NÃO PEGOU A
REFERÊNCIA?

Coisas que a gente leu pra fazer esse material
pra você.

BONOTTO, Alex. **Intersexualidade Fora da Caixa**. 2017. Disponível em: <<http://www.ssexbbox.com/2017/06/intersexualidade-fora-da-caixa>> Acesso em 21 jan 2020.

CONNELL, Raewyn. **Gênero: uma perspectiva global**. São Paulo: nVesrsos, 2015.

DAWSON, James. **Este livro é gay - e hétero, e bi, e trans...** São Paulo: Martins Fontes, 2015.

LAQUEUR, Thomas Walter. **Inventando o Sexo: corpo e gênero dos gregos à Freud**. Tradução de Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernardo Fonseca; ESCOURA, Michele. **Diferentes, não desiguais**. São Paulo: Reviravilta, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MISKOLCI, Richard. **Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

QUINTAS, Valquíria. **Biologia do sexo**. São Paulo: Editora Atheneu, 2002.

REVISTA NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL. São Paulo, edição, 202, ano 17 jan. 2017.

SANTOS, Thais Emilia de Campos dos. **Vidas ignoradas: bebês intersexo, bebês com ambiguidade de sexo e sexo ambíguo**. 2019. Disponível em: <<http://www.ssexbbox.com/2019/03/vidas-ignoradas-bebes-intersexo-bebes-com-ambiguidade-de-sexo-e-sexo-ambiguo/>> Acesso em 14 jan 2020.

SOBRE AS AUTORAS

RENATA PORCELLIS



É gaúcha, mora desde a infância na cidade de Pelotas. Formada em artes visuais pela UFPel, especialista e mestre em educação pelo IFSul. Mãe da Samar e da Clara, duas meninas, uma trans e outra ainda uma bebê. Atualmente trabalha no Núcleo de gênero e Diversidade Sexual (NUGEDS) do IFSul campus Pelotas.



KAI KRAUSE

Nascido e crescido em Pelotas. Formou-se técnico em Química pelo IFSUL - Campus Pelotas e, até hoje, não sabe porque fez isso. Estudante de Licenciatura em Filosofia na Universidade Federal de Pelotas, futura bicha professora que busca educar para a diferença. Ainda tentando entender o que faz na Filosofia... Detesta escrever sobre si mesmo na terceira pessoa.

